

## ÁFRICA IMAGINADA PELOS DISCENTES DA DISCIPLINA DE LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA

### THE AFRICA IMAGINED BY THE STUDENTS OF THE DISCIPLINE PORTUGUESE LANGUAGE AFRICAN LITERATURE

Hélio Márcio Nunes Lacerda<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho é parte de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins<sup>2</sup> que investigou os sentidos da literatura Africana no relato de professores em formação inicial. Esta investigação tem como ponto de partida a Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino de todo o país. Para geração dos dados tomamos de empréstimo da História Oral a técnica de entrevista semi-estruturada com base nas seguintes questões: 1) “Quais são as cinco (5) palavras que lhe vem à cabeça quando se pensa em África?” 2) Quais são as cinco (5) palavras que lhe vem à mente quando se pensa em Europa?”.

**Palavras-Chave:** lei 10.639/03; história e cultura afro-brasileira e africana; investigação.

**Abstract:** This work is part of a research took placed at the Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins which investigated the meanings of African literature in the reports of beginner teachers. This research has as its starting point the Law 10.639/03 which made compulsory the teaching of history and culture African-Brazilian and African in educational institutions in the country. Generating data we loan the Oral History semi-structured interview technique based on the following questions: 1) "What are the five (5) words that come to mind when you think about Africa?" 2) What are five (5) words that come to mind when thinking about Europe? "

**Keywords:** law 10.639/03; history and culture african-brazilian and african; investigation.

### Imagens Discursivas

Essa discussão, então, parte das imagens linguísticas mobilizadas pelos professores em formação inicial para problematizar qual seria o lugar da África no discurso de professores em formação inicial. Os dados apresentados nos gráficos abaixo foram gerados no primeiro dia de aula e os demais, ao longo das aulas do semestre de 2015.1 no Curso de Letras na Universidade Federal do Tocantins, no Câmpus Araguaína. Para análise dos dados

<sup>1</sup> Professor de Língua e Literatura do Instituto Federal do Tocantins, Câmpus Araguaína. Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. Contato: helio.lacerda@ifto.edu.br.

<sup>2</sup> Dissertação de Mestrado defendida e aprovada em 05/05/2016 com o título: **Os Sentidos da Literatura Africana:** uma pesquisa participante orientada pelo Professor Dr. Dernival Venâncio Ramos.

mobilizamos alguns dispositivos teóricos da Análise de Discurso de Pêcheux para quem discurso é efeito de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2003).

O texto que se segue tem respaldo em uma metodologia desenvolvida por Oliva (2007) e levada adiante por Ramos (2013). Esse experimento didático se deu da seguinte forma: o professor da disciplina cedeu ao pesquisador uma aula para exposição da pesquisa aos alunos. Chegado o dia, selecionamos um texto do conde Gobineau, cônsul francês que viveu no Brasil entre 1880 e 1882, experiência essa que lhe rendeu volumosos ensaios sobre a miscigenação no país.

O texto de considerável teor racista foi selecionado porque havia uma necessidade prática (material didático) ao mesmo tempo em que visava mobilizar os sujeitos quanto à temática da aula. Após organizar as carteiras em círculo, pedimos aos alunos que elaborassem dois quadros: no primeiro, escrevessem aleatoriamente cinco palavras que lhes ocorriam quando o tema era “África”. No outro quadro foi pedido que fizessem o mesmo, mas agora pensando na “Europa”.

Os objetivos dessa atividade foram: 1) motivar os alunos a escrever de forma espontânea as palavras de que lembravam e 2) mapear o imaginário dos sujeitos sobre o continente africano e europeu para cruzar com os dados de Oliva (2007) e Ramos (2013). Diferentemente de Oliva (2007)<sup>3</sup> e a exemplo de Ramos (2013)<sup>4</sup>, não foi disponibilizado nenhum quadro com imagens pré-selecionadas a fim de evitar, ao máximo, qualquer possível direcionamento. Dos 16 (dezesesseis) alunos presentes, 10 (dez) atividades foram recebidas, número satisfatório, já que a mesma não era obrigatória.

As palavras foram organizadas dentro das seguintes categorias: Natureza, economia, cor da pele, cultura, política, religião, clima. Abaixo estão os gráficos com os respectivos resultados. Esse foi um dos instrumentos de geração de dados, lançamos mão, também, de entrevista semi-estruturada e da observação participante direta. Os dados a seguir, são, então, frutos de uma intervenção direta em uma aula direcionada pelo pesquisador com anuência do professor da disciplina. O objetivo era conhecer melhor os sujeitos de pesquisa e seu imaginário sobre a África.

<sup>3</sup>No quadro feito por Oliva (2009) constava: a) Populações negras, b) Fome e Miséria, c) Candomblé, Capoeira e Samba, d) AIDS e tragédias, e) Escravos e tráfico de escravos, f) Guerras, conflitos e Massacres, g) Grandes Reinos, Impérios e Civilizações, h) Grandes Centros Urbanos, i) Egito, Meroé e Kush, j) Populações brancas

<sup>4</sup>Ramos (2013) desenvolveu atividade semelhante durante o curso de História da África que ministrou em Abril de 2010, na *Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de História*, curso vinculado ao Câmpus de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins.

Discurso, na sua etimologia, denota a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Assim, “o discurso é a palavra em movimento” (ORLANDI, 2003, p.15). Já estereótipo é definido pelo Dicionário Aulete<sup>5</sup> como “comportamento ou discurso caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal, e desprovidas de originalidade e da adaptação à situação presente”. Nesse sentido, o sujeito produz sua leitura pautada, em partes, no estereótipo, resgatando enunciados midiáticos e literários que acabam por fazer a mediação entre o “nós” e a realidade. As palavras são prenhas de sentidos (ORLANDI, 1990; 1999; 2003) e os sentidos são estabelecidos por meio da linguagem. Assim, o simbólico opera na mediação entre o sujeito e o mundo exterior, estabelecendo, então, o contato do objetivo com o subjetivo a partir da linguagem. Na perspectiva da AD, temos, assim, o tripé: Língua -discurso- ideologia. Desse modo, “é no discurso que se observa a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para os sujeitos (ORLANDI, 1999, p. 17). Dito de outro modo,

A AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho do simbólico está na base da existência humana (ORLANDI, 1997, p.17).

Ao enunciar, o sujeito- atravessado pela ideologia, deixa ver quais sentidos orientam seu discurso, qual/quais o/s efeito/s de sentido/s, qual/quais a/s posição/posições. É assim que se pode “ouvir” os sentidos do texto, que sempre podem ser outros. Vejamos, então, à quais sentidos se filiam o discurso dos sujeitos pesquisados.

A partir dessas considerações, passamos à apresentação dos dados obtidos. O primeiro procedimento que se adotou foi o agrupamento de palavras por significado conforme exposto no gráfico 1 e quadro 1, ou seja, palavras com sentidos semelhantes foram colocadas em uma única categoria que contém os significados das demais. Por exemplo, as palavras economia, Euro e riqueza foram resumidas em “economia”.

A finalidade do agrupamento consiste num esforço de generalização das palavras citadas, levando a expressão de um conceito. Isso possibilita decompor esse conceito posteriormente e verificar as contradições de definição que o mesmo possui para os diferentes espaços que representa. Exemplificando, o conceito de economia aparece tanto para a Europa, quanto para África, mas os significados que eles possuem são, em parte, distintos. É necessário, portanto, ter sempre atenção sobre o que se ausenta nas categorias de cunho

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/estere%C3%B3tipo>. Acesso em 03/02/16.

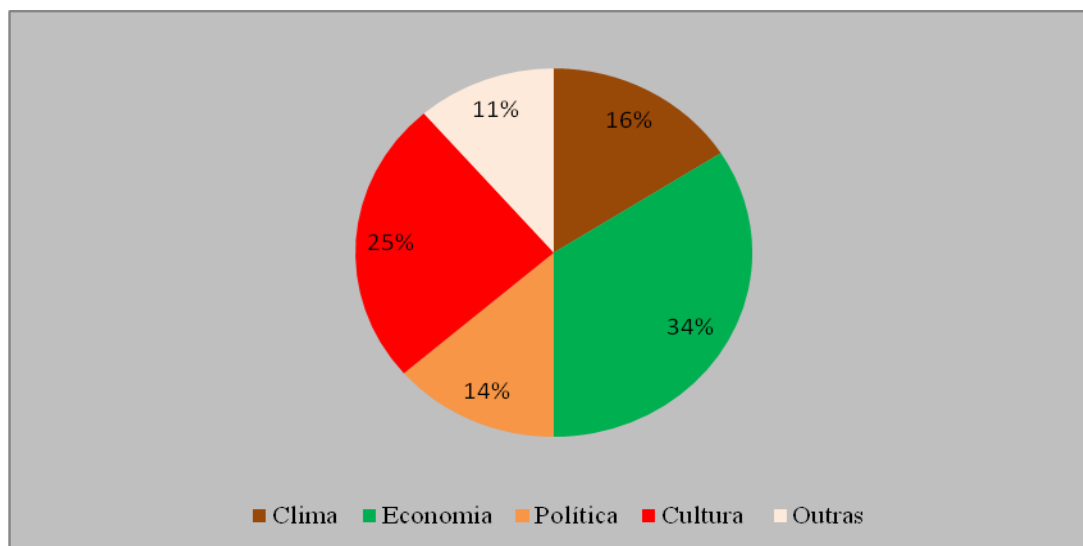
generalizante (conceitos) como economia e cultura, mas que se faz presente no “não-dito”. À semelhança de Ramos (2012) que toma de empréstimo a ideia de “arquivo” de Michel Foucault (2008), aplicando uma redefinição a ela, pensamos que os sujeitos dispõem de arquivos mentais. Quando interpelados sobre determinado tema, eles acessam esses arquivos e respondem à interpelação, se posicionando discursivamente. Foi o que aconteceu no experimento abaixo.

Quadro 1 – palavras agrupadas por sentido semântico (Europa).

<b>Economia</b>	<b>Cultura</b>	<b>Natureza</b>	<b>Política</b>
Riqueza	Educação	Neve	Domínio
Euro	Beleza	Frio	Poder
Custo de vida	Religião	Natureza	Guerra
Crise	Inglês	-	Autonomia
União europeia	-	-	Tecnologia
Desenvolvimento	-	-	Leis
Economia	-	-	-

Fonte: Levantamento de Campo. Maio 2015.

Gráfico 1 – Palavras mais citadas por agrupamento (Europa)

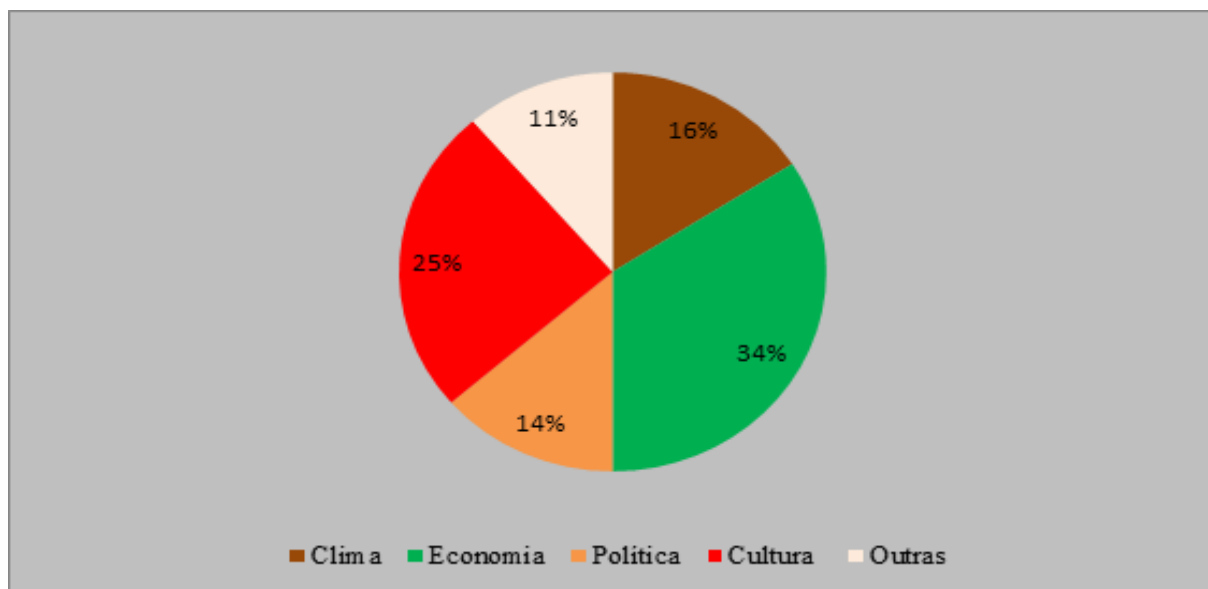


Fonte: Levantamento de campo. Maio de 2015.

Os números revelam que a maioria dos alunos (34%) quando pensam em Europa se lembram da economia dessa formação sócio-espacial. Pode-se afirmar que as palavras relacionadas à economia, na sua maioria, são de cunho positivo, fazendo-se referência ao poderio econômico e desenvolvimento europeus. No entanto, a palavra “custo de vida” indica

que algumas pessoas, também, veem esse lugar como difícil de ser habitado pelas classes sociais menos abastadas, o que não deixa de ser uma interpretação do avançado desenvolvimento capitalista ali experimentado.

Gráfico 2 – Palavras mais citadas pelos alunos (Europa)



Fonte: Levantamento de Campo. Maio de 2015.

O gráfico 2 mostra que a primeira palavra lembrada dos alunos quando se pensa em Europa é o “frio”, determinismo geográfico que relaciona frio à civilização, em seguida aparece “cultura” e “economia”. “Cultura”, por conter o idioma “Inglês”, seria considerado um traço de refinamento cultural dado aos falantes dessa língua, e, talvez, estendido aos que aprendessem-na, angariando, assim, algum lugar de prestígio social? Ora, a minha experiência enquanto professor de Língua Inglesa me permite pensar que, falar “Inglês” seria sinônimo de erudição, distinção em relação aos demais. Essas imagens discursivas remontam, ainda, ao oitocentismo científico quando se supôs que as línguas humanas deveriam ser classificadas de acordo com um grau de progresso e civilidade. Assim:

[Quanto] a ideia de progresso (...), lembremo-nos de que, durante séculos, vigorou a ideia de que língua e raça estavam intimamente relacionadas, o que levava a postular a existência de línguas superiores e inferiores. Essa concepção era um dos elementos que servia para justificar a “missão civilizatória” dos povos colonialistas. A linguística estrutural ao demonstrar, que todos os sistemas linguísticos são equivalentes e que qualquer língua pode expressar qualquer conteúdo, banuiu essas teses racistas do âmbito da ciência da linguagem (FIORIN, 1998, p. 69).

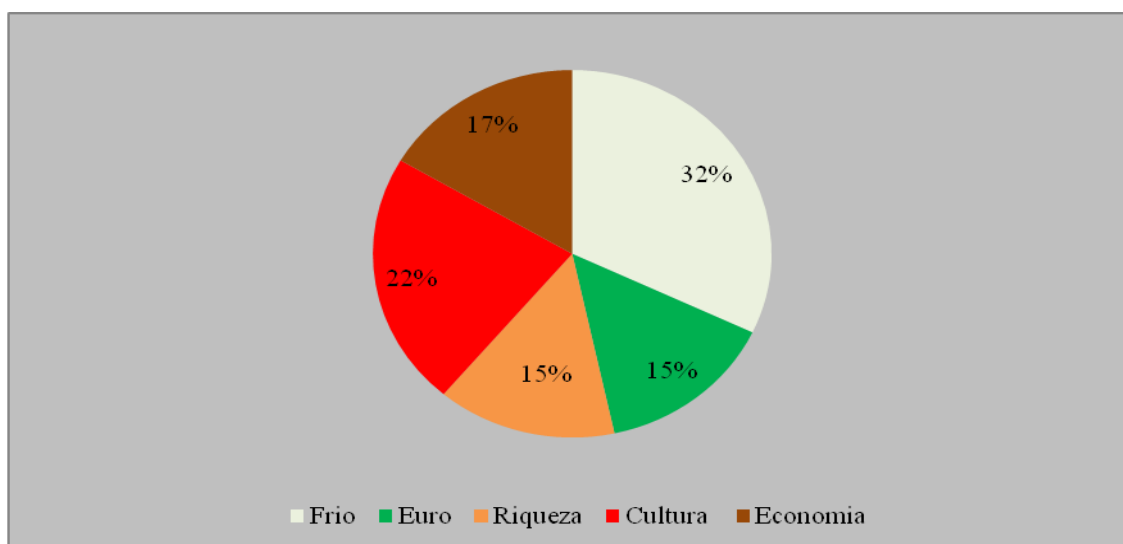
A Ciência, europeia oitocentista, alinhada aos interesses coloniais engendrou essa forma de hierarquizar as línguas, concedendo-lhes *status* de classificação superior/inferior. A contribuição de Fiorin (1998) nos remete à uma lei datada de 3 de Maio de 1757, quando o

Marquês de Pombal produz um documento intitulado *Diretório* em que trata de uma política linguística a ser estabelecida na colônia, aplicada primeiro ao Pará e Maranhão, estendendo-se, posteriormente, aos demais domínios portugueses na América (GARCIA, 2007).

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações, que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbárie dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da língua do príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo príncipe. Observando pois todas as nações polidas do mundo este prudente, e sólido sistema, nesta conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidarão os primeiros conquistadores estabelecer nela o uso da língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar este perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos diretores, estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum, que os meninos, e meninas, que pertencem as escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas nações, ou da chamada geral; mas unicamente da portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína espiritual, e temporal do Estado (ALMEIDA, 1997, p.331 *apud* GARCIA, 2007, p.25).

O tom do documento encaminha a língua do colonizador à condição de paladino da civilidade, instrumento dos “mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbárie dos seus antigos costumes”. Nessa esteira de hierarquização que se forja um status de “racismo linguístico” cujo objetivo maior era a legitimidade da missão colonizadora.

Gráfico 3 – Palavras mais citadas por sequência (Europa)



Fonte: Levantamento de Campo. Maio de 2015.

O gráfico 3 mostra as 5 palavras mais citadas pelos alunos “economia”, “frio” e “euro”, “riqueza” e “cultura”. Cabe aqui dizer que, no decorrer dessa pesquisa, tive a

oportunidade de ir à Espanha. Nos meses que antecederam a viagem estava apreensivo pelo que iria encontrar por lá. Na semana da viagem, contactei uma amiga que foi comigo. Antes, porém, havia pensado onde adquirir agasalhos, já que imaginava quão frio seriam os dias de estada por lá.

Perguntei-lhe o que levaria e ela disse que providenciaria roupas leves para o verão. Dei pouco crédito ao que ouvi. Chegado o dia de viajar, coloquei na mala alguns agasalhos. Após 10 horas de voo, pousamos em Madrid. Para minha surpresa a temperatura era de 40° graus. Houve um choque entre a Europa do meu imaginário, aquela mediada pelos meios de comunicação, e a Europa à minha frente, aquela onde eu desembarcava surpreso. Houve um descompasso considerável entre a Memória Discursiva e a realidade empírica encontrada, de modo que os primeiros dias foram de estranhamento e esforço mental para desconstruir as imagens que trazia.

Talvez seja interessante ressaltar a seguinte questão: eu, professor, em uma pós-graduação, com algumas leituras sobre aquele território, reproduzi o senso comum do “lugar frio” (o que em parte, é verdade), sou interpelado a pensar no poder que o discurso exerce sobre os sujeitos aqui pesquisados. As representações que se têm são poderosas no sentido de que constituem e orientam a forma de lermos a realidade que nos cerca. Mesmo com alguns levantamentos que fiz antes da viagem para conhecer melhor o destino, a Memória Discursiva, aquilo que fala antes e em outros lugares, foi mais forte, irresistível, talvez. Deparamo-nos, então, com o poder da ideologia que atravessa o discurso e que nos constitui (ORLANDI, 1999).

O mesmo procedimento, em relação ao agrupamento de palavras foi realizado em relação à África, ilustrados no quadro 2 e gráfico 4 elucidam as palavras mais citadas por agrupamento em relação à África.

Quadro 2 - palavras agrupadas por sentido semântico (África).

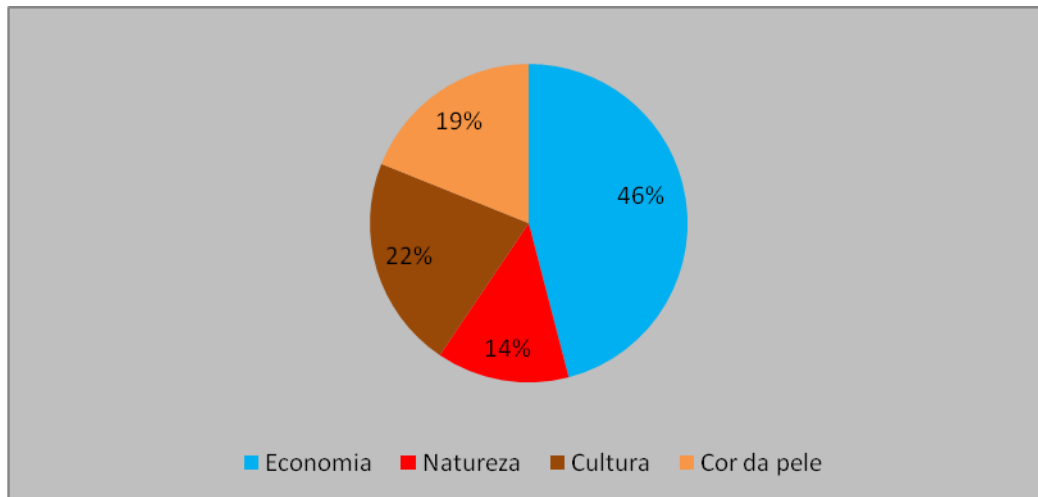
<b>Economia</b>	<b>Natureza</b>	<b>Cultura</b>	<b>Cor da pele</b>
Pobreza	Savana	Missionário	Negros
Fome	Clima seco	Preconceito	Raça
Miséria	Animais	Cultura	-
Desigualdade	Deserto	Religião	-
Desvalorização	-	Humanidade	-

Fonte: Levantamento de Campo. Maio 2015.

Enquanto que, para a “Europa”, palavras como riqueza e desenvolvimento são comuns, em relação à África a maioria das palavras se enquadram em “Economia”, mas referindo-se a “pobreza” e “miséria”. Chama atenção que em relação à Europa a palavra crise aparece como um evento residual (conjuntural), passageiro. Mais que isso, reporta a esse continente o centro de comando do capital internacional, onde qualquer intempere pode levar lugares alhures a sofrer os danos. Diferentemente, no tocante à África, a palavra “crise” sugere outros sentidos, como uma crise de cunho estrutural, isto é, permanente e sem aparente solução a curto prazo.

É possível que essa imagem da crise na Europa seja construída com influência da mídia, já em relação à África os sentidos perpassam uma compreensão mais profunda da realidade, pois não é comum ouvir falar de crises nesse continente. Indicações de que a bolsa de valores caiu, ou que os preços dos imóveis estão próximos a uma bolha imobiliária não fazem parte da rota de notícias referentes ao mencionado espaço. Ao contrário, os problemas que os afligem são noticiados frequentemente como algo que reforça um estado paupérrimo.

Gráfico 4 – Palavras mais citadas por agrupamento (África)

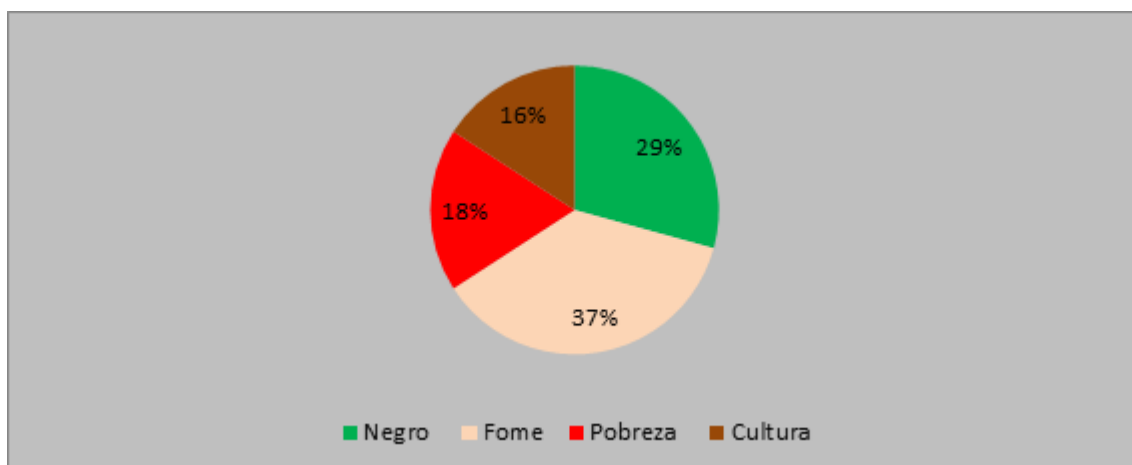


Fonte: Levantamento de Campo. Janeiro 2015

Confirmando a percepção anterior, derivada do agrupamento de palavras, observa-se a sua ratificação quando da análise fragmentada, pois as nomenclaturas mais citadas em sequência quanto à África são fome 37%, negro 29%, pobreza 18% e cultura 16% (ver gráfico 5).



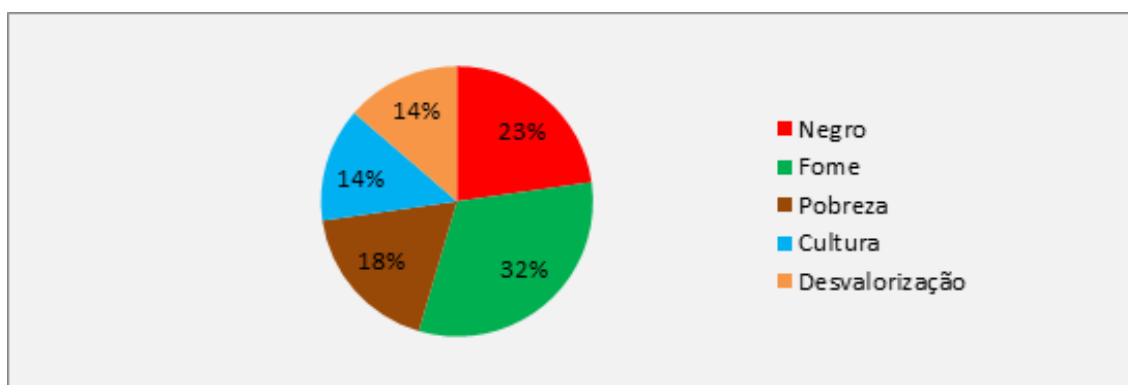
Gráfico 5 – Palavras mais citadas por sequência (África)



Fonte: Levantamento de Campo. Jan. de 2015.

As palavras mais lembradas no tocante à África são: “fome”, “negro” e “pobreza” (ver gráfico 6).

Gráfico 6: Palavras mais citadas (África)



Fonte: Levantamento de Campo. Jan. de 2015.

Os gráficos apontam algumas nuances acerca da Memória Discursiva dos professores em formação, deixando-nos “ouvir” os sentidos que constituem o que seria a realidade correspondente à “África” e “Europa”, ressaltando sempre a parcialidade dos dados, evitando a generalização, a fim de apurar o olhar crítico. A seguir, analisamos o espaço da sala de aula, mirando a pergunta inicial que orienta este trabalho: “o que acontece na aula de Literatura Africana em Língua Portuguesa?”

Ao pensar em Europa, os alunos resgatam da memória discursiva os arquivos lá registrados. Nesse sentido, é perceptível o papel dos meios de comunicação para forjarem uma imagem elogiosa e positiva. Se, em se tratando de África, nossos alunos imaginam a

incivilidade como marca daquele lugar, o oposto é apontado pelos gráficos acima. Os europeus aparecem, assim, bem representados. Um espaço de organização, riqueza econômica e cultural, poderio, domínio e leis. Mesmo com baixa ocorrência, aparece a palavra “branco”, que aponta para civilização com considerável grau de sofisticação, “sociedades brancas” supostamente ocupariam certo patamar de civilidade. Será?

Interessante notar como tais imagens são levadas a todo continente, embora nem todos desfrutem de tais benesses materiais. A categoria “Europa”, segundo os dados, parece apontar para termos valorativos positivos de países como: Inglaterra, França, Espanha, Holanda, Suécia, Noruega, etc. Outrossim, o discurso de uma Europa em crise se faz calar pela força discursiva das imagens atribuídas àquele continente.

Os discursos que apontam esses dados são assim colocados pela AD:

(...) Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito-, ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos. O silenciamento [é entendido aqui] como forma não de calar mas de fazer dizer “uma coisa”, para não deixar dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política (ORLANDI, 2007, p. 53).

Cada escolha lexical implica a anulação de inúmeras possibilidades do dizer. Cada tomada de palavra anula outras. Assim, quando o sujeito diz X, sua fala silencia Y, Z, etc. Os dados dizem na ausência as 1ª e 2ª guerras mundiais, o Holocausto, os massacres na região eslava, as mulheres queimadas na fogueira, a xenofobia, o colonialismo, a exploração da mão-de-obra estrangeira. Pessoas de pele negra não aparecem. A Europa emerge, assim, como um continente supostamente puro e branco, como se não houvessem recebido influências Árabe, africana, asiática e americana.

A fim de evitar leituras equivocadas, desde já lembramos que as imagens discutidas aqui não se pretendem explicações totais acerca das perspectivas elaboradas por nossos sujeitos de pesquisa. Nos termos de Oliva (2008, p.148), “não tomamos como símbolos absolutos dos olhares dirigidos ao continente ou como retratos verdadeiros de uma realidade”. Ao contrário disso, os dados acima não dão conta de abarcar tamanha a complexidade daquele continente que se caracteriza pela pluralidade étnica, linguística, econômica e cultural. Assim, os dados apresentados são uma possibilidade de problematizar alguns estereótipos que rondam à solta, não se pretendendo, assim, uma explicação total daquela realidade.

Esse imaginário que brevemente descrevemos com a ajuda de Oliva (2007) e Ramos (2012), bem como com a nossa própria geração de dados orienta as ações dos sujeitos. Os

professores em formação – sujeitos dessa pesquisa, não poderiam escapar à essa regra. Parte das tensões discursivas vistas durante as observações das aulas e dessa atividade podem ser entendidas se contextualizadas dentro desse imaginário que enxerga a África marcada pela falta e a Europa pela abundância.

## Referências

ACHARD, Pierre [et al]. *Papel da memória*. Tradução: José Horta Nunes. Editora Pontes. Campinas-SP, 1999

ALVES, Eva Esperança Gueterres. Uma litura do poema: “Encontrei minhas origens”, de Oliveira Silveira: possibilidades para o cumprimento da legislação. In: SILVEIRA, Regina da Costa da; COSTA, Rosilene Silva da (orgs.). *Literatura, História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas: redes de possibilidades para o cumprimento da legislação: lei 10.639/03*. Porto Alegre/RS. Editora UniRetter, 2011.

BRASIL. *Guia de Orientação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPP/PR)*. Pg. 7. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. *Conselho Nacional de Educação: Parecer nº 003/2004*. Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc\\_diretriz.htm#\\_ftn3](http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc_diretriz.htm#_ftn3). Acesso em: 27/09/2015.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 6ª edição. Editora Ática, São Paulo, 1998.

GARCIA, Elisa Frühauf. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. *Revista Dossiê*, Vol 12, Nº 23, a03. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a03>.

OLIVA, Anderson Ribeiro. O espelho africano em pedaços: diálogos entre as representações da África no imaginário escolar e os livros didáticos de História, um estudo, de caso no Recôncavo Baiano. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*. Vol. 1 (1), 2007. Página 1-18.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 1999.